ANNO I—N.º 78—Edição da manhã

Duas edições diarias

Segunda-feira, 5 de Outubro de 1914

A RESTAURAÇÃO

Propriedade da Empreza Jornalistica Portugueza
TELEPHONE — 847
Endereço telegraphico — RESTAURAÇÃO
Administrador — Jorge Santos
Editor — João Antonio dos Santos

DEUS, PATRIA E REI

DIRECTOR — HOMEM CHRISTO FILHO

Redacção, administração e officinas de composição
RUA DA EMENDA, 30, 1.º—LISBOA
Officinas de impressão — Rua Marechal Saldanha, 30
SUCCURSAL — Rua Garrett, 48

Guy de Cassagnac

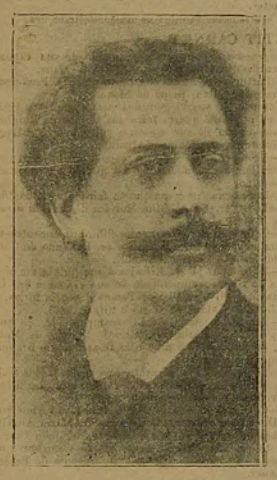
Gloire à notre France eternelle!
Gloire à ceux qui sont morts pour elle,
Aux martyrs, aux vaillants, aux forts!
A' ceux qu'enflamment leur exemple
Qui veulent place dans le temple
E qui mourront comme ils sont morts

VICTOR HUGO.

Tenho aqui sob os meus olhos, á hora a que escrevo estas linhas, o retrato d'aquelle que, para mim, foi o melhor, o mais sincero, o mais devotado dos amigos.

Ah que tristeza! que amargura enorme se sente ao dizer que esse amigo já não existe! Já não existe!

E não posso reter uma lagrima ao pensar que esses olhos, ainda hontem



Paul de Cassagnac, pae de Guy de Cassagnac

tão cheios de vida, estão agora e para sempre, irremediavelmente fechados!

Oiço ainda e sempre, a sua voz grave de insinuante, de caloroso timbre: vejo ainda aquelle rosto masculo de energicos traços, sombrias pupillas phosphorescentes, e no seu olhar eu leio toda a ambição d'um ser puramente d'eleição, valoroso, magnanimo, um coração cheio de generosidade, possuido pelo mais nobre, mais elevado ideal.

Patriota enthusiasta e fervoroso, orador cheio de distincção, escriptor talentoso, Guy de Cassagnac soube sempre inspirar áquelles que d'elle se approximavam, uma profunda admiração á qual se mesclava uma irresistivel sympathia.

Muito ecletico nos seus sentimentos, considerava a amisade como um precioso e sagrado laço e não a concedia senão a um restricto numero d'eleitos, porém, desde o momento que lhe soubessem captar a confiança, mostrava-se possuido d'uma dedicação que tocava as raias do sacrificio, d'uma bondade que encerrava em si toda uma abnegação.

Nas horas d'angustia, elle lá estava para reconfortar, para amparar e servir de companheiro nas luctas da vida e aquella inquebrantavel vontade, aquella poderosa energia do seu caracter, encantavam, seduziam como uma inexgotavel fonte.

Tive a prova d'isso mais d'uma vez, e jámais esquecerei os inestimaveis serviços que esse grande amigo me prestou em varias circumstancias, a mim e á Causa Monarchica.

Filho e neto de soldados cuja carreira fôra uma serie de glorias, circulava-lhe ainda nas veias o fogoso sangue dos heroes do Imperio e foi com alegria que elle esperou a hora da mobilisação.

A 29 de julho escrevia elle na *Auctorite*:

«E' a paz, é a guerra? A esse respeito nada sabemos: limitamo-nos a esperar... Ah! mas se fôr a guerra, então formularemos a nossa ambição: a ambição de morrer a cem metros para lá da fronteira: nada mais pedimos, nada mais queremos.»

E esta phrase tão bella, tão grandiosa na sua simplicidade, é mais do que sufficiente por si só, para pintar d'um só traço toda a energia, toda a abnegação, toda a grandeza d'alma d'esse altivo e magnifico coração, desse homem d'eleição que manejava com egual presteza a penna e a espada e que não hesitou um só momento em sacrificar aquella a esta para honra e lustre da terra que o vira nascer.

A 2 de agosto, quando se preparava para marchar para o regimento a que pertencia, era ainda com uma admiravel calma que elle proferia estas palavras sublimes:

«Chegou a hora de mergulhar os nossos espiritos e as nossas almas na calma da mais inflexivel das resoluções. Que cada francez esteja no seu posto, cumprindo o seu dever para decidir da sorte do mais gigantesco dos choques que a terra até hoje jámais supportou.

Não mais divergencias nem desvairamentos. Se a guerra rebentar, dentro de dois mezes—temos d'isso a firme convicção—os exercitos francez e russo farão a sua juncção em Berlim: acabar-se-ha, finalmente, com o pesadello que, durante tanto tempo, tem pesado sobre o mundo.

E agora, leitores, a vós, dentre os quaes alguns conheceram o nosso avô, e cuja affeição nos encorajou e susteve durante mais de dez annos, até mais vêr ou adeus, como á Providencia aprouver.

A'manhã encontrar-nos-hemos ambos nas fileiras por Deus e pela França!»

Ah meu querido amigo desapparecido! como tu tinhas rasão!

Foi por Deus, foi pela França, que tão nobremente sacrificaste a tua vida e até á ultima gotta prodigalisaste o teu sangue.

Por Deus e pela França é que tu morreste como um marty: é que tu te sacrificaste como um heroe!

Veiu uma bala assassina e rapida, n'um instante tragico, arrebatar-te á nossa affeição e despedaçar os nossos sonhos, as tuas esperanças e aquella bella carreira ainda tão curta mas já tão gloriosa!

Colheu-te a Morte em plena juventude, em pleno vigor; mas, como um verdadeiro francez, como um bravo em todo o sentido da palavra, morreste no campo da honra!

Paladino infatigavel d'uma epopeia soberba, essa morte heroica, era a unica

Paul e Guy de Cassagnac

digna da tua vida; esse fim glorioso, sublime, será como que uma apotheose de luz d'onde surgirá luminosa e vivaz a flor eterna da recordação!

Inclino-me sobre a tua sepultura para ahi deixar cahir uma flor.

E é com toda a commovida sinceridade da minha dôr que eu digo ao meu grande amigo o meu ultimo adeus.

Que a vontade de Deus seja feita!

Homem Christo Filho

PRINCIPE NAPOLEÃO

Um dos maiores amigos de Guy de Cassagnac

Carta a Lady Helty

(De um Enigma a uma Esphinge)

My Lady:—Conversar com uma senhora nas columnas pesadas e sensaboronas onde se exibe, habitualmente, com seus graves conceitos, o senhor Artigo de fundo—é uma coisa que fere os meus versos de *blasé*, e põe, nos meus labios desdenhosos, um traço de aborrecimento. Que v. ex.ª me leia, n'esse logar, quando escrevo para todos os espiritos, para os bons e para os maus, para aquelles afim de os fortificar e animar, para estes, a fim de os orientar e aproveitar—está bem; mas que eu occupe esse lugar só para lhe fallar, minha senhora, seria uma prova de mau gosto da parte de Lord Henry.

V. ex.ª, na sua primeira carta (que me foi entregue com a segunda), procura erguer a minha mascara e conhecer-me. Tenho quasi a certeza de que me conhece. Se eu lhe desse a chave do meu Enygma, v. ex.ª veria, talvez, que eu lhe não era extranho. Mas, nem a segunda inicial que me attribue me pertence, nem sou quem ouviu na conferencia a que se refere.

De certo, que pode interessar-lhe saber quem sou? N'este caso, a pessoa é nada, a doutrina é tudo, porque a pessoa é fragil e passageira, e só a doutrina é forte, duradoira. Conhecer figuras humanas, mascaras humanas, é uma preoccupação caracterisadamente burgueza.

O que devemos tentar conhecer é espiritos atravez ás suas manifestações, ou scientificas, ou esthetica ou moraes, a não ser que se trate, claro é, de creaturas adoraveis como v. ex.ª, que presumo ser, pela maneira delicada das suas expressões, uma adoravel senhora. Se penso d'este modo, sob o ponto de vista geral, sob o ponto de vista do nosso nome em especial, tenho a dizer-lhe que ha certo perigo em conhecer Lord Henry que é simplesmente detestavel. Já o pseudonimo que adoptou é um traço psycologico. V. ex.ª já leu decerto *The picture of Dorian Gray* do mais interessante e elegante espirito que a Inglaterra tem, até agora, nas letras: Oscar Wilde, a quem podemos definir o Georges Brummel da literatura. E assim deve recordar-se de Lord Henry e das suas opiniões, vindo, portanto, a concordar comigo, quando lhe digo que, escolhendo como escolhi, para cobrir o nosso rosto, o nome do grande amigo de Dorian Gray, sou simplesmente detestavel. Eu penso, por exemplo, como elle, que «*being natural is simply a pose, and the most irritating pose I know*», e isto causa calafrios principalmente ao nosso feitio meridional que prefere a monotonia branca de uma rosa branca, á requintada e torturada côr de uma orchidea polichroma.

E, como elle tambem, affirmo que «*I admit that I think that it is bitter te be beauiful than to be good*»—o que não deve ser muito bom diploma para quem quer entrar na contraria ponderada do nosso respeitavel publico. Não tente pois conhecer-me, nem perca o seu tempo, minha senhora, a fazer calculos e a formular hipotheses sobre quem sou ou possa vir a ser. Quem acreditar que muitas vezes nos temos cruzado nas ruas de Lisboa e eu tenho, naturalmente, notado a sua elegancia e a sua graça, correspondendo assim, e, pelo visto, adeantadamente, ás gentilezas e deferentes maneiras das suas cartas. Pode v. ex.ª continuar a escrever-me á sua vontade, sempre que queira, e não seja injusta suppondo que as suas cartas me aborreciam. As cartas de uma mulher nunca aborrecem—quando respeitam a familia. Dê-me v. ex.ª a sua mão, para que lh'a beije, com muito respeito e infinitos agradecimentos pelas suas lisongeiras amabilidades.

Lord Henry

Commentarios...

O povo e a camara

Se apparece um edital
Assignado p'los edis,
O povo da capital
Não lhe respeita o que diz.
E a cam'ra municipal,
Anda bastante infeliz.

Foi d'um grotesco tremendo,
O espantoso corrupio,
Em que andou ao desafio
Com um carroussel estupendo.
Foi co'o fogo, o que se viu,
Co'os *chauffeurs* o que estão vendo.

Não sei como inda supporte,
Quem a não quer aturar;
E só nos resta apurar,
N'este duello de morte,
Se é ella que tem azar,
Ou nós que não temos sorte.

Cesar.

Preparando uma fita...

Os biltres que alli na rua de S. Roque, redigem um jornaleco que existe unicamente para insultar senhoras e aconselhar os tresloucados á pratica dos crimes mais odiosos, publicam hoje, na primeira pagina do mesmo jornaleco, esta imbecil e repugnante noticia:

Sabemos, por informações dignas de todo o credito, que os traidores e os desordeiros das conspirações monarchicas trabalham activamente na execução dos crimes mais hediondos para o coração dos patriotas portuguezes. Alguns dos amnistiados são os mais enthusiasticos e decididos na ignobil e miseravel tentativa. Ahi está para o que serviu uma amnistia concedida a gente que só um fito possue: a ruina da Patria. Avisamos os republicanos e todos os patriotas do que se trama.

Já se sabe o que «elles» querem... Excitar a malta republiqueira, a ver se ella volta a assassinar nas ruas cidadãos indefesos e a assaltar e a roubar os jornaes monarchicos que, no uso pleno de um direito reconhecido pela propria constituição vigente, fazem a propaganda das suas ideias politicas. Talvez se enganem nas presumpções. Tantas vezes vae o cantaro á fonte...

A'MANHÃ:
Artigo do Conselheiro Luiz da Magalhães
DEPOIS DE A'MANHÃ:
Artigo de Lord Henry

Para ir vêr os feridos

Nota das condições que o ministro da guerra francez impõe para esse fim

BORDEUS, 4.—O ministro da guerra acaba de resolver que seriam facilitados transportes gratuitos ás familias que desejem ir visitar os militares feridos na guerra.

As condições são as seguintes:

E' entregue aos interessados, pelos chefes das gares, um bilhete de meio preço, para irem dos seus domicilios ao estabelecimento onde o seu parente está hospitalisado e para voltar ao seu ponto de partida.

Esta reducção só é applicavel ás pessoas que tiverem o seguinte grau de parentesco ascendente: irmão ou irmã, esposa ou filho.

A entrega do bilhete só se effectua mediante a entrega pelo interessado de um documento, telegramma ou carta, autenticada pelo maire, e em que conste o local da hospitalisação. Este documento deve certificar egualmente, pelas mãos do maire, o grau de parentesco obrigatorio.

Pelo que respeita á volta, os interessados devem fazer visar e datar este mesmo documento pelo medico chefe do estabelecimento hospitalar e partir no praso de trez dias seguintes á oposição do visto.

Conformemente ás disposições em vigor em tempo de paz, para as visitas aos hospitaes contra a apresentação do sobredito documento visado, é entregue aos interessados um bilhete de meio preço para regressar do logar d'hospitalisação ao seu domicilio.

Echos

No regimen da perseguição

Informam-nos de que um sargento que, não sendo monarchico, gosta de ler a *Restauração*, tem sido estupidamente perseguido por esse motivo. Se duvidam vejam as voltas que elle tem dado em 3 mezes:

Do Collegio Militar, de Lisboa, foi transferido para infanteria 15, em Thomar; de infanteria 15 foi transferido para infanteria 11, em Setubal; de infantaria 11 foi transferido para infanteria 1, em Lisboa; de infanteria 1 foi transferido para infanteria 4, em Lagos.

Continuem. Continuem que vão por bom caminho..

O sr. Camacho e os charutos

A proposito da distribuição do premio Nobel (secção da paz) diz o *blagueur* sr. Camacho—não somos amaveis cavalheiros?—no acreditado jornal de seccos e molhados ali do Largo do Calhariz:

«Alguns milhões de homens se esforçam, n'este momento, por que se estabeleça a paz, e para isso guerreiam uns com os outros, no empenho que tem cada qual de a impôr aos outros. Se por tanta gente fosse distribuido o modesto premio da paz, não caberia a cada um com que comprar um modesto charuto de vintem—se é que ainda ha charutos d'este preço.»

Charutos de vintem? Então o sr. Camacho não sabe que presentemente só ha charutos de dois centavos? Basofias! Pois se o director da *Lucta* não fuma d'outros ás escondidas...

As habituaes infamias

Informa a gazeta officiosa da demagogia de que é redactor principal Urbano—o desqualificado:

A policia judiciaria passou hontem uma rigorosa busca ás casas de penhores, aprehendendo grande quantidade de armamento constante de revolveres, pistolas, espingardas, carabinas, etc. Algumas pistolas e revolveres pertenceiam a empregados publicos.

Só falta agora o seguinte:

1.º—Que a gazeta declare que esses empregados publicos são monarchicos confessos e conspiradores authenticos;

2.º—Que a mesmissima gazeta affirme que esses cavalheiros tinham as armas nas casas de penhores para realisarem um movimento revolucionario de Restauração Monarchica.

Assim fica completa a infamia!

Commemorando a data...

A *Lucta* offereceu hontem ao ministro da marinha o seguinte rebuçado:

O sr. ministro, que declarou que sahia do ministerio se não conseguisse effectuar a construcção dos *destroyers* do typo *Douro*, que violou as leis votadas pelo parlamento e que sophismou a lei de 8 de agosto, pretendendo construir *destroyers* que só vae começar em dezembro de 1914 e que só estarão promptos em dezembro de 1916, para acudir ás emergencias da defeza nacional, na guerra actual, entregou á casa Yarrow, sem concurso, o fornecimento de machinas e caldeiras, e á casa Palmer's, tambem sem concurso, o fornecimento de chapas e cantoneiras.

Como numero de um festival commemorativo do anniversario da republica a noticia da *Lucta* é de primeira ordem. Com que então proseguem a escandalos! E viva a moralidade, aquella celebre moralidade cantada nas tribunecas demagogicas na vigencia da Monarchia

Será verdade?

Enviam-nos a seguinte communicação:

«N'este momento estuda-se na maçonaria, que é quem governa hoje Portugal, a maneira de evitar que *bravos* officiaes republicanos, como o general Barreto e outros, façam parte da expedição á França!

Trata-se de escolher e sacrificar officiaes monarchicos, ficando os republicanos, como os jovens turcos, muito esperançados na rarapida promoção, morrendo os seus camaradas nos campos da batalha!»

Coisas tristes

O camaleão da rua Formosa principia assim o seu artigo editorial do numero d'hontem:

Cada vez se acentua mais a boa impressão que no espirito publico causou a noticia de que Portugal está organisando um corpo expedicionario de tropas, para seguir para o theatro da guerra.

E' possivel... Mas, com franqueza, ainda não enxergámos essa boa impressão. O que nós temos visto é desanimo, muito desanimo, exageradissimo desanimo. Eis o que conseguiram os marechaes republiqueiros com as suas extraordinarias e incomprehensiveis combinações diplomaticas e militares! E' triste dizel-o, mas é assim.

PARIS E A GUERRA

"A Restauração" entrevista o escriptor Mario de Sá Carneiro, ha pouco chegado de Paris

As suas impressões sobre "A Cidade" nos dias da mobilisação

Sabendo em Lisboa o joven escriptor Mario de Sá Carneiro, o novellista da *Confissão de Lucio*, que ha mezes em Paris trabalhava ardentemente nos seus livros, procurámo-lo para que atravez da sua palavra sempre brilhante, da sua conversa cheia de *nuances* e de sensações novas, nos désse uma impressão de Paris, nos dias de mobilisação, quando a França, n'um enthusiasmo louco, n'um desejo de vingança, preparava os seus soldados para responder á audacia do *Kaiser*.

A' meza d'um café, depois de nos apertar a mão, presos da sua conversa magica, plena de recordações, nós declarámos francamente o fim do nosso encontro.

— Uma entrevista?!... — respondeu n'um sorriso de ironia.

—As suas impressões sobre Paris e a guerra...

— Todo o Paris tinha os olhos fixos no Palacio da Justiça, quando começaram a chegar as primeiras noticias da guerra em que ninguem acreditava. As noticias foram-se avolumando, os rumores augmentavam e o processo Cailleaux, que agitava a França inteira, foi pouco-a pouco desapparecendo do espirito do publico: os artigos de sensação do *Figaro* mudaram-se como por encanto em meras noticias de 2.ª pagina. Vivemos nós, os de Paris, então, as horas mais zebradas e rangentes de todo o periodo da guerra. Era admiravel. No rosto de todos estampava-se uma preoccupação unanime. Em volta d'uma mesma ideia se limitava uma vida interior. Todo Paris foi uma só alma... E não admira, exactamente como n'um dia de intenso calor, nós vemos o calor na atmosphera, assim de todas as almas emanava a mesma agitação fluidica. Sem litteratura nós teriamos a sensação de respirar outra coisa qualquer além do ar... Fluidos mais esguios, vibrateis e dissonantes... O proprio movimento dos carros era outro, *mais continuo*. E' impossivel explicar se esta mutação de scena, porque o scenario era o mesmo, transviado unicamente n'alma.

—E o dia da declaração de guerra? Havia enthusiasmo? Como se fez a mobilisação?

—Assisti a ella — continuou o estranho artista—em pleno *boulevard* dos Italianos. D'uma meza do café de Riche presenciei os primeiros grupos que se formavam, bandeiras desfraldadas, gritando à *Berlin*! à *Berlin*! Não gritando, como eu suppozéra, ao lêr as ultimas paginas da *Náud*, paginas que, n'essa tarde de 1 d'Agosto, eu revivi com profunda emoção!... Mas foi uma desillusão, meu amigo, porque esse à *Berlin*! era entoado na mesma musica com que no Bairro Latino os estudantes éxigem a demissão d'um continuo ou com que um bando de *nocenas* reclama n'um restaurante, de noite, o gerente, que tarda em apparecer.

A's 4 horas foi publicada a ordem de mobilisação, e ás 4 e meia passavam os primeiros grupos; o movimento dos trens e *omnibus* parou inteiramente, como sob a acção d'uma mesma corrente electrica interrompida de subito. Não mais se viram *omnibus*, não mais se viram trens. A's 7 horas sahi do café e encontrei os *boulevards* desertos. Imagine a rua do Ouro ao domingo, a ponto de ser inexplicavel como tanta gente desapparecera, um relampago, dando-nos a sensação de que se tivessem aberto mil alçapões magicos. Os dias seguintes pouco interessantes. Pouquissimo movimento pelas ruas, e, em verdade, fóra d'isso uma completa normalidade.

—Falava-se de Portugal? Não ignora, decerto, os boatos que teem corrido sobre a nossa interferencia na conflagração, não é verdade?

— Sim, é certo, por vezes ouvi dizer que o nosso país mobilisaria 10:000 homens, mas lá como cá, os boatos foram muitos.

O nosso interlocutor meditou um instante, no seu rosto estampava-se uma impressão de tristeza e de saudade.

— E as tropas francezas partiram com enthusiasmo? interrompi eu.

Ao ver deslisar, uma noite, de subito, um regimento que partia para a fronteira, a minha impressão foi de que tinha em face de mim o exercito da *Débacle*!...

Os soldados marchavam fóra de linha, desabotoados, porque a noite era ardente; embrulhos nas mãos; as *petites amies* ainda ao lado, algumas de mãos dadas, levando mais embrulhos ou qualquer apetrecho d'equipamento. Partiam contentes para a guerra é, certo... Tinham mesmo enfeitado algumas espingardas com verdura, entretanto essa verdura mais dava a impressão de tragedia, estiolada já pelo calor; alguns emborcavam garrafas, á vista dos officiaes a cavallo e todos os soldados, descompostos, e o povo que os acompanhava, entoavam dissonantemente nas ruas na aria dos lampiões:

Conspuez Guillaume
Conspuez Guillaume
Conspuez...

Misturados com os mesmos à *Berlim*! à *Berlim*! varios Hou! Hou! que nos produziam uma impressão dolorosa. A valentia do soldado francez desapparecia diante d'esta impressão.

—E o movimento nos dias de mobilisação? —perguntei:

—Qualquer coisa de desolador. No centro de Paris todas as lojas encerravam as suas portas. A's 8 fechavam os cafés. O movimento das ruas parecia artificial. Desolação total, a quebra completa de toda a gentileza, que é aquillo que mais define Paris... E que dôr tão grande está a de pensar que todas as grandes costureiras da rua da Paz fecharam! Tudo isto fez com que eu não pudesse resistir em Paris. Eu sempre amei essa grande cidade, debilmente, com ternuras loucas. Amei-a na sua alma de sêda, calcule pois como eu soffria essa sensação das lojas fechadas, as costureiras despedidas, os interiores desertos, foi como se se tivessem batido em Paris; e por isso, só por isso, por não poder supportar esse ambiente, resolvi partir.

E a sua viagem?

—Até Toulouse viajei com o coronel, do regimento do 21 d'infantaria Colonial, ferido no grande combate de 22. Fallava pelos cotovellos, esse *pauvre-colonel*.

Mostrou-me o maior pessimismo. «Os allemães preparavam—dizia elle—admiravelmente o terreno; atravessavam as estradas com fios d'arame. A artilharia franceza era superior, na verdade, á allemã, mas, em numero, esta excedia aquella. As granadas cahiam ininterruptamente, mas as tropas francezas batiam-se sempre com uma coragem admiravel. O seu regimento havia sido aniquilado... E, por aqui fóra, com detalhes desoladores sobre a batalha de 22, o coronel fallava, fallava... dominado por uma angustia enorme. Em Toulouse vi chegar um comboio com 500 feridos, de resto, de pouca importancia, porque os de maior gravidade ficavam pelo caminho em hospitaes. E' um dever de todos acreditar na victoria da França, mãe espiritual da nossa raça, d'onde irradia a belleza para o mundo inteiro, a França que não morreu, que não trepidou sequer no desastre de Sédan, em 70.

E' um dever de cada um de nós acreditar firmemente, entranhadamente, religiosamente, na victoria da França, porque será sem duvida um factor importante para essa mesma victoria a mesma crença fixa, enclavinhada unanimemente em milhões d'almas.

As nossas energias moraes focadas na mesma ideia suggestionam mysteriosamente os soldados e são um dos mais importantes contribuintes para a victoria. Mas, deixe-me dizer-lhe, meu amigo, se eu como latino desejo ardentemente o aniquilamento do imperialismo germanico, como artista, como um grande amoroso de França que sou, eu quereria que a Allemanha vencesse.

—?!

—Sim, comprehendo, então eu poderia dar á minha querida França toda a minha ternura, todas as minhas lagrimas, toda a minha alma; á França ferida, poderia, estreitando-a d'encontro ao meu coração, dar-lhe toda a homenagem do meu soffrimento. A' França vencedora, grande, forte, guerreira e altiva, eu não poderia dar-lhe senão toda a minha admiração. Aquelle que procura a belleza, oròxo e crispado, achará a victoria allemã muito mais bella... De resto, o logico e o natural é a derrota allemã, visto que a Allemanha tem todo o mundo contra ella.

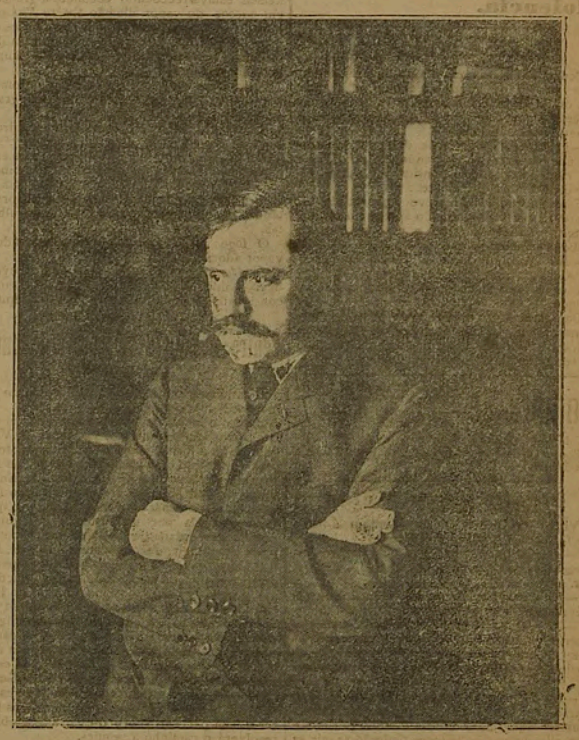
Por isso mesmo os meus nervos d'artista sentiriam muito mais douradamente, ainda que sangrentamente, a victoria das aguias germanicas...

E, com um sorriso nos labios, o poeta da «Dispersão» terminou:

—Frize bem, meu caro amigo, que esta é uma opinião pessoal, a minha opinião é d'artista.

Despedimo-nos. O povo de Lisboa enchia as ruas para vêr o desfile dos expedicionarios, emquanto eu ia escrever estas palavras.

Os escriptores e a guerra



Paul Bourget, o grande escriptor francez, que está prestando serviço como enfermeiro nas ambulancias da Cruz Vermelha

O Santo-Synodo e a Galitzia

Já se está tratando com affinco da organisação religiosa da nossa provincia russa

PETROGRADO, 4— O Santo-Synodo desmente os boatos, segundo os quaes se teria occupado da urgencia da organisação religiosa na Galitzia e teria enviado o metropolita Flavian de Kief á Galitzia para instituir duas sédes episcopaes em Kalish e em Yaroslaw.

Sómente auctorisou Mgr. Eulogius, arcebispo de Varsovia, cuja diocese está proxima de Galitzia, o encarregar-se dos interesses religiosos dos seus habitantes orthodoxos.

O commercio allemão

Pode considerar-se arruinado. — Só um jornal perdeu já mais de 1.250.000 francos

LONDRES, 4 — Dizem de Copenhague ao «Times» que continuam alli a reber-se communicações do encerramento de casas commerciaes allemãs.

O director do «Lokal Anzeiger» declara que este jornal perdeu mais de 1.250.000 francos em consequencia da suppressão dos annuncios.

São muito raras a morfina e a camphora para usos medicinaes, assim como oleos lubrificados.

ANNO I—N.º 79—Edição da manhã

Duas edições diarias

Terça-feira, 6 de Outubro de 1914

A RESTAURAÇÃO

Propriedade da Empreza Jornalistica Portugueza
TELEPHONE — 847
Endereço telegraphico — RESTAURAÇÃO
Administrador — Jorge Santos
Editor — João Antonio dos Santos

DEUS, PATRIA E REI

Redacção, administração e officinas de composição
RUA DA EMENDA, 30, 1.º—LISBOA
Officinas de impressão — Rua Marechal Saldanha, 30
SUCCURSAL — Rua Garrett, 48

DIRECTOR — HOMEM CHRISTO FILHO

R.P.

A MORTE DE UM HEROE

GUY DE CASSAGNAC

BORDEUS, 20 de setembro — Guy de Cassagnac, o illustre escriptor francez que com seu irmão Paulo se alistára no exercito que combate os allemães, acaba de morrer na Lorena attingido em pleno peito por uma bala prussiana quando conduzia os seus homens n'uma vigorosa e enthusiastica carga á baioneta.

(Do nosso correspondente especial)

O Principe Napoleão—Um dos maiores amigos de Guy de Cassagnac

Gloire à notre France eternelle!
Gloire à ceux qui sont morts pour elle,
Aux martyrs, aux vaillants, aux forts!
A' ceux qu'enflamment leur exemple
Qui veulent place dans le temple
E qui mourront comme ils sont morts!

VICTOR HUGO.

Tenho aqui sob os meus olhos, á hora a que escrevo estas linhas, o retrato d'aquelle que, para mim, foi o melhor, o mais sincero, o mais devotado dos amigos.

Ah que tristeza! que amargura enorme se sente ao dizer que esse amigo já não existe! Já não existe!

E não posso reter uma lagrima ao pensar que esses olhos, ainda hontem tão cheios de vida, estão agora, e para sempre, irremediavelmente fechados!

Oiço ainda e sempre, a sua voz grave de insinuante, de caloroso timbre: vejo ainda aquelle rosto masculo de energicos traços, sombrias pupillas phosphorescentes, e no seu olhar eu leio toda a ambição d'um ser puramente d'eleição, valoroso, magnanimo, um coração cheio de generosidade, possuido pelo mais nobre, mais elevado ideal.

Patriota enthusiasta e fervoroso, orador cheio de distincção, escriptor talentoso, Guy de Cassagnac soube sempre inspirar áquelles que d'elle se approximavam, uma profunda admiração á qual se mesclava uma irresistivel sympathia.

Muito ecletico nos seus sentimentos, considerava a amisade como um precioso e sagrado laço e não a concedia senão a um restricto numero d'eleitos, porém, desde o momento que lhe soubesse n captar a confiança, mostrava-se possuido d'uma dedicação que tocava as raias do sacrificio, d'uma bondade que encerrava em si toda uma abnegação.

Nas horas d'angustia, elle lá estava para reconfortar, para amparar e servir de companheiro nas luctas da vida e aquella inquebrantavel vontade, aquella poderosa energia do seu caracter, encantavam, seduziam como uma inexgotavel fonte.

Tive a prova d'isso mais d'uma vez, e jámais esquecerei os inestimaveis serviços que esse grande amigo me prestou em varias circumstancias, a mim e á Causa Monarchica.

Filho e neto de soldados cuja carreira fôra uma serie de glorias, circulava-lhe ainda nas veias o fogoso sangue dos heroes do Imperio e foi com alegria que elle esperou a hora da mobilisação.

A 29 de julho escrevia elle na *Auctorité*:

«E' a paz, é a guerra? A esse respeito nada sabemos: limitamo-nos a esperar... Ah! mas se fôr a guerra, então formularemos a nossa ambição: a ambição de morrer a cem metros para lá da fronteira: nada mais pedimos, nada mais queremos.»

E esta phrase tão bella, tão grandiosa na sua simplicidade, é mais do que suficiente por si só, para pintar d'um só traço toda a energia, toda a abnegação, toda a grandeza d'alma d'esse altivo e magnifico coração, d'esse homem d'eleição que manejava com egual presteza a penna e a espada e que não hesitou um só momento em sacrificar aquella a esta para honra e lustre da terra que o vira nascer.

A 2 de agosto, quando se preparava para marchar para o regimento a que pertencia, era ainda com uma admiravel calma que elle proferia estas palavras sublimes:

«Chegou a hora de mergulhar os nossos espiritos e as nossas almas na calma da mais inflexivel das resoluções. Que cada francez esteja no seu posto, cumprindo o seu dever para decidir da sorte do mais gigantesco dos choques que a terra até hoje jámais supportou.

Não mais divergencias nem desvairamentos. Se a guerra rebentar, dentro de dois mezes — temos d'isso a firme convicção — os exercitos francez e russo farão a sua juncção em Berlim: acabar-se-ha, finalmente, com o pezadello que, durante tanto tempo, tem pesado sobre o mundo.

E agora, leitores, a vós, d'entre os quaes alguns conheceram o nosso avô, e cuja affeição nos encorajou e susteve durante mais de dez annos, até mais vêr ou adeus, como á Providencia aprouver.

A'manhã encontrar-nos-hemos ambos nas fileiras por Deus e pela França!»

Ah meu querido amigo desapparecido! como tu tinhas razão!

Foi por Deus, foi pela França que tão nobremente sacrificaste a tua vida e até á ultima gotta prodigalisaste o teu sangue.

Por Deus e pela França é que tu morreste como um martyr: é que tu te sacrificaste como um heroe!

Veiu uma bala assassina e rapida, n'um instante tragico, arrebatar-te á nossa affeição e despedaçar os nossos sonhos, as tuas esperanças e aquella bella carreira ainda tão curta mas já tão gloriosa!

Colheu-te a Morte em plena juventude, em pleno vigor; mas, como um verdadeiro francez, como um bravo em todo o sentido da palavra, morreste no campo da honra!

Paul e Guy de Cassagnac

Paladino infatigavel d'uma epopeia soberba, essa morte heroica, era a unica digna da tua vida; esse fim glorioso, sublime, será como que uma apotheose de luz d'onde surgirá luminosa e vivaz a flor eterna da recordação!

Inclino-me sobre a tua sepultura para ahi deixar cahir uma lagrima.

E é com toda a commovida sinceridade da minha dôr que eu digo ao meu grande amigo o meu ultimo adeus.

Que a vontade de Deus seja feita!

Homem Christo Filho

DUAS PALAVRAS

A's suas ordens, senhores...

A Restauração foi apprehendida ante-hontem á noite e hontem de manhã. Não ha liberdade em Portugal. Está amordaçada, está espezinhada, pela indecentissima malta republicana. Podemos garantir que nem hontem á noite nem hoje de manhã, os numeros d'este jornal continham violencias de linguagem. Elles foram apprehendidos unica e simplesmente porque é preciso festejar, com perseguições, com desatinos, com ataques de toda a ordem aos direitos individuaes, as datas celebres de 4 e 5 de outubro.

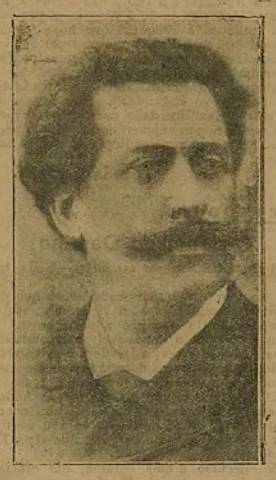
Queixa-se a demagogia imbecil e rancorosa de que os monarchicos empregam um vigor extraordinario no combate do regimen de escandalos e de arbitrariedades que existe presentemente em Portugal. Empregam, sim senhor! Empregam! E como vis cobardes procederiam elles se em face das prepotencias e das infamias republicanas diminuissem a intensidade do seu protesto e a energia da sua lucta pela indispensavel, pela urgentissima restauração monarchica! Portugal não póde ser pertença de bandidos. Portugal é um paiz de tradicções gloriosas e é preciso que ellas sejam mantidas, a todo o transe, com sacrificio da propria vida, por todos os homens de bem.

Não tinhamos o proposito de escrever isto hoje, assim, com toda esta clareza. Mas já que persistem em suppôr que nos assustam as perseguições policiaes, dirigidas por esse idiota que dá pelo nome de João Eloy e as ameaças dos «formigas» de varias especies que planeiam as suas infamias nas alfurjas da cidade, resolvemos dizer, alto e bom som, o que pensamos. E o que pensamos é o seguinte: Portugal está sendo dominado por um bando de criminosos, que é preciso correr a ponta-pés.

Aqui, n'esta casa, não ha medo. As ideias monarchicas serão defendidas n'este jornal até ao fim e em todos os campos. Não pedimos misericordia, nem piedade. Os homens de caracter não fogem nunca aos perigos que os ameaçam. Se nos matarem — perdemos a vida. Simplesmente. Não podemos perder outra cousa. Mas enganam-se se julgam que, praticando crimes sobre crimes, infamias sobre infamias, indignidades sobre indignidades e provando ao estrangeiro que n'este canto da Europa os cidadãos indefezos são tratados como os viandantes eram tratados nas estradas calabrezas pelos salteadores, conseguem destruir a fé inabalavel e tradiccional de milhares de portuguezes na excellencia e na bondade das instituições requintadamente monarchicas.

A republica fez-se por acaso. A Monarchia ha de ser restabelecida com firmeza, reflectidamente, porque constitue uma necessidade nacional. Não tenham duvidas esses senhores que, agora, protegidos pelos cavallos da guarda republicana, insultam tudo e todos, provocam tudo e todos e ás esquinas, cobardemente, vilmente, como os mais repellentes canalhas, de vez em quando se preparam em grupos para assassinarem as pessoas que não os ajudam nas suas malandrices e nas suas roubalheiras. Realizar-se-ha d'aqui a um mez o movimento redemptor? Realizar-se-ha d'aqui a um anno? Estas coisas não se fazem em prasos certos. Fazem-se quando se podem fazer. Mas fazem-se ponderadamente e vigorosamente.

E agora venham aqui ao jornal, se querem. Destruam as vidas dos que trabalham n'esta casa. A historia registará, na parte referente á vida da republica, mais essa grande vileza. Façam o que quizerem. Hoje foi o dia 5 d'outubro. E' preciso que os senhores immortalizem esta data com mais uma scena de sangue.



Paul de Cassagnac, pae de Guy de Cassagnac

Carta a Lady Hetty

(De um Enigma a uma Esphinge)

My Lady:—Conversar com uma senhora nas columnas pesadas e sensaboronas onde se exibe, habitualmente, com seus graves conceitos, o senhor Artigo de fundo—é uma coisa que fere os meus nervos de *blasé*, e põe, nos meus labios desdenhosos, um traço de aborrecimento. Que v. ex.ª me leia, n'esse logar, quando escrevo para todos os espiritos, para os bons e para os maus, para aquelles afim de os fortificar e animar, para estes, a fim de os orientar e aproveitar—está bem; mas que eu occupe esse logar só para lhe fallar, minha senhora, seria uma prova de mau gosto da parte de Lord Henry.

V. ex.ª, na sua primeira carta (que me foi entregue com a segunda), procura erguer a minha mascara e conhecer-me. Tenho quasi a certeza de que me conhece. Se eu lhe desse a chave do meu Enygma, v. ex.ª veria, talvez, que eu lhe não era extranho. Mas, nem a segunda inicial que me attribue me pertence, nem sou quem ouviu na conferencia a que se refere.

De certo, que pode interessar-lhe saber quem sou? N'este caso, a pessoa é nada, a doutrina é tudo, porque a pessoa é fragil e passageira, e só a doutrina é forte, duradoira. Conhecer figuras humanas, mascaras humanas, é uma preoccupação caracterisadamente burgueza.

O que devemos tentar conhecer é espiritos atravez as suas manifestações, os scientificas, ou etheticas ou moraes, a não ser que se trate, claro é, de creaturas adoraveis como v. ex.ª, que presumo ser, pela maneira delicada das suas expressões, uma adoravel senhora. Se penso d'este modo, sob o ponto de vista geral, sob o ponto de vista do nosso nome em especial, tenho a dizer-lhe que ha certo perigo em conhecer Lord Henry que é simplesmente detestavel. Já o pseudonimo que adoptou é um traço psycologico. V. ex.ª já leu decerto *The picture of Dorian Gray* do mais interessante e elegante espirito que a Inglaterra tem, até agora, nas lettras: Oscar Wilde-a quem podemos definir o Georges Brumel da literatura. E assim deve recordar-se de Lord Henry e das suas opiniões, vindo, portanto, a concordar commigo, quando lhe digo que, escolhendo como escolhi, para cobrir o nosso rosto, o nome do grande amigo de Dorian Gray, sou simplesmente detestavel. Eu penso, por exemplo; como elle, que «*being natural is simply a pose, and the most irritating pose I know*», e isto causa calafrios principalmente ao nosso feitio meridional que prefere a monotonia branca de uma rosa branca, a requintada e torturada côr de uma orchidea polichroma:

E, como elle tambem affirmo que «*I admit that I think that it is bitter te be beautiful than to be good*»—o que não deve ser muito bom diploma para quem quer entrar na confraria ponderada do nosso respeitavel publico. Não tente pois conhecer-me, nem perca o seu tempo, minha senhora, a fazer calculos e a formular hypotheses sobre quem sou ou possa vir a ser. Quem acreditar que muitas vezes nos temos cruzado nas ruas de Lisboa e eu tenho, naturalmente, notado a sua elegancia e a sua graça, correspondendo assim, e, pelo visto, adeantadamente, ás gentilezas e deferentes maneiras das suas cartas. Pode v. ex.ª continuar a escrever-me á sua vontade, sempre que queira, e não seja injusta suppondo que as suas cartas me aborreciam. As cartas de uma mulher nunca me aborrecem, quando respeitam a gramática. Dê-me v. ex.ª a sua mão, para que lh'a beije, com muito respeito e infinitos agradecimentos pelas suas lisongeiras amabilidades.

Lord Henry

A'MANHÃ

Artigo do Conselheiro Luiz de Magalhães

DEPOIS D'AMANHÃ

Artigo de Lord Henry

Os allemães iniciam o ataque contra Antuerpia

PARIS, 5.— Noticias recebidas de Antuerpia informam que as tropas allemãs, providas já da grande artilharia de sitio, começou já o bombardeamento dos fortes avançados do campo entrincheirado de Antuerpia.

Se os allemães persistem no seu proposito de intentar a todo o custo apoderar-se de Antuerpia, a lucta será terrivel, pois, como se sabe, esta praça é uma das melhor fortificadas do mundo.

PARIS E A GUERRA

"A Restauração" entrevista o escriptor Mario de Sá Carneiro, ha pouco chegado de Paris

As suas impressões sobre "A Cidade" nos dias da mobilisação

Sabendo em Lisboa o joven escriptor Mario de Sá Carneiro, o novellista da *Confissão de Lucio*, que ha mezes em Paris trabalhava ardentemente nos seus livros, procurámo-lo para que atravez da sua palavra sempre brilhante, da sua conversa cheia de *nuances* e de sensações novas, nos désse uma impressão de Paris, nos dias de mobilisação, quando a França, n'um enthusiasmo louco, n'um desejo de vingança, preparava os seus soldados para responder á audacia do *Kaiser*.

A' meza d'um café, depois de nos apertar a mão, presos da sua conversa magica, plena de recordações, nós declarámos francamente o fim do nosso encontro.

—Uma entrevista?!... — respondeu n'um sorriso de ironia.

—As suas impressões sobre Paris e a guerra...

—Todo o Paris tinha os olhos fixos no Palacio da Justiça, quando começaram a chegar as primeiras noticias da guerra em que ninguem acreditava. As noticias foram-se avolumando, os rumores augmentavam e o processo Caillaux, que agitava a França inteira, foi pouco a pouco desaparecendo do espirito do publico: os artigos de sensação do *Figaro* mudaram-se como por encanto em meras noticias de 2.ª pagina. Vivemos, nós os de Paris, então, as horas mais zebradas e rangentes de todo o periodo da guerra. Era admiravel. No rosto de todos estampava-se uma preoccupação unanime. Em volta d'uma mesma ideia se limitava uma vida interior. Todo o Paris foi uma só alma... E não admira; exactamente como n'um dia de intenso calor, nós vemos o calor na atmosphera, assim de todas as almas emanava a mesma agitação fluidica. Sem litteratura nós teriamos a sensação de respirar outra coisa qualquer além do ar... Fluidos mais esguios, vibrateis e dissonantes... O proprio movimento dos carros era outro. *mais continuo.* E' impossivel explicar-se esta mutação de scena, porque o scenario era o mesmo, transviado unicamente n'alma.

—E o dia da declaração de guerra? Havia enthusiasmo? Como se fez a mobilisação?

— Assisti a ella — continuou o estranho artista—em pleno *boulevard* dos Italianos. D'uma meza do café de Riche presenciei os primeiros grupos que se formavam, bandeiras desfraldadas, gritando à *Berlin*! à *Berlin*! Não gritando, como eu suppozéra, ao lêr as ultimas paginas da *Nana*, paginas que, n'essa tarde de 1 d'Agosto, eu revivi com profunda emoção!... Mas foi uma desillusão, meu amigo, porque esse à *Berlin*! era entoado na mesma musica com que no Bairro Latino os estudantes exigem a demissão d'um continuo ou com que um bando de *nocenos* reclama n'um restaurante, de noite, o gerente, que tarda em apparecer.

A's 4 horas foi publicada a ordem de mobilisação, e ás 4 e meia passavam os primeiros grupos; o movimento dos trens e *omnibus* parou inteiramente, como sob a acção d'uma mesma corrente electrica interrompida de subito. Não mais se viram *omnibus*, não mais se viram trens. A's 7 horas sahi do café e encontrei os *boulevards* desertos. Imagine a rua do Ouro ao domingo, a ponto de ser inexplicavel como tanta gente desapparecera, um relampago, dando-nos a sensação de que se tivessem aberto mil alçapões magicos. Os dias seguintes pouco interessantes. Pouquissimo movimento pelas ruas, e, em verdade, fóra d'isso uma completa normalidade.

— Falava-se de Portugal? Não ignora, decerto, os boatos que teem corrido sobre a nossa interferencia na conflagração, não é verdade?

Sim, é certo, por vezes ouvi dizer que o nosso país mobilisaria 10:000 homens, mas lá, como cá, os boatos foram muitos.

O nosso interlocutor meditou um instante, no seu rosto estampava-se uma impressão de tristeza e de saudade.

—E as tropas francezas partiram com enthusiasmo? interrompi eu.

Ao ver deslisar, uma noite, de subito, um regimento que partia para a fronteira, a minha impressão foi de que tinha em face de mim o exercito da *Débacle*!...

Os soldados marchavam fóra de linha, desabotoados, porque a noite era ardente; embrulhos nas mãos; as *petites amies* ainda ao lado, algumas de mãos dadas, levando mais embrulhos ou qualquer apetrecho de equipamento. Partiam contentes para a guerra, é certo... Tinham mesmo enfeitado algumas espingardas com verdura, entretanto essa verdura mais dava a impressão de tragedia, estiolada já pelo calor; alguns emborcavam garrafas, á vista dos officiaes a cavallo e todos os soldados descompostos, e o povo que os acompanhava, entoavam dissonantemente nas ruas na aria dos lampiões:

Conspuez Guillaume
Conspuez Guillaume
Conspuez...

Misturados com os mesmos à *Berlin! à Berlin!* varios Hou! Hou! que nos produziam uma impressão dolorosa. A valentia do soldado francez desapparecia diante d'esta impressão?

—E o movimento nos dias de mobilisação —perguntei.

—Qualquer coisa de desolador. No centro de Paris todas as lojas encerravam as suas portas. A's 8 fechavam os cafés. O movimento das ruas parecia artificial! Desolação total, a quebra completa de toda a gentileza, que é aquillo que mais define Paris... E que dôr tão grande esta, a de pensar que todas as grandes costureiras da rua da Paz fecharam! Tudo isto fez com que eu não pudesse resistir em Paris. Eu sempre amei essa grande cidade, debilmente, com ternuras loucas. Amei-a na sua alma de sêda, calcule, pois, como eu soffria essa sensação das lojas fechadas, as costureiras despedidas, os interiores desertos, foi como se tivessem batido em Paris; e por isso, só por isso, por não poder supportar esse ambiente, resolvi partir.

E a sua viagem?

— Até Toulouse viajei com o coronel do regimento do 21 de infantaria Colonial, ferido no grande combate de 22. Fallava pelos cotovellos, esse *pauvre colonel*.

Mostrou-me o maior pessimismo. «Os allemães preparavam—dizia elle—admiravelmente o terreno; atravessavam as estradas com fios de arame. A artilharia franceza era superior, na verdade, á allemã, mas, em numero, esta excedia aquella. As granadas cahiam ininterruptamente, mas as tropas francezas batiam-se sempre com uma coragem admiravel. O seu regimento havia sido anniquilado»... E, por aqui fóra, com detalhes desoladores sobre a batalha de 22, o coronel fallava, fallava... dominado por uma angustia enorme. Em Toulouse vi chegar um comboio com 500 feridos, de resto, de pouca importancia, porque os de maior gravidade ficavam pelo caminho em hospitaes. E' um dever de todos acreditar na victoria da França, mãe espiritual da nossa raça, d'onde irradia a belleza para o mundo inteiro, a França que não morreu, que não trepidou, sequer, no desastre de Sédan, em 70.

E' um dever de cada um de nós acreditar firmemente, entranhadamente, religiosamente, na victoria da França, porque será sem duvida um factor importante para essa mesma victoria a mesma crença fixa, enclavinhada unanimemente em milhões d'almas.

As nossas energias moraes, focadas na mesma ideia, suggestionam mysteriosamente os soldados e são um dos mais importantes contribuintes para a victoria. Mas, deixe-me dizer-lhe, meu amigo, se eu, como latino, desejo ardentemente o aniquillamento do imperialismo germanico, como artista, como um grande amoroso da França que sou, eu quereria que a Allemanha vencesse.

—?!

—Sim, comprehendo, então eu poderia dar á minha querida França toda a minha ternura, todas as minhas lagrimas, toda a minha alma; á França ferida, poderia, estreitando-a d'encontro o meu coração, dar-lhe toda a homenagem do meu soffrimento. A' França vencedora, grande, forte, guerreira e altiva, eu não poderia dar-lhe senão toda a minha admiração. Aquelle que procura a belleza, o róxo e crispado, achará a victoria allemã muito mais bella... De resto, o logico e o natural é a derrota allemã, visto que a allemanha tem todo o mundo contra ella.

Por isso mesmo os meus nervos d'artista sentiriam muito mais douradamente, ainda que sangrentamente a victoria das aguias germanicas...

E, com um sorriso nos labios, o poeta da «Dispersão» terminou:

—Frise bem, meu caro amigo que esta é uma opinião pessoal, a minha opinião é d'artista.

Despedimo-nos. O povo de Lisboa enchia as ruas para vêr o desfile dos expedicionarios, emquanto eu ia escrever estas palavras.

Notas Politicas

Chiado abaixo, passinhos rapidos, ella caminha sem proferir palavra, de braço dado com a mamã. Veste um tailleur *da moda, de um azul purissimo, premindo com teimosia o corpo esculptural, e o collo branco de marmore exhibe-se angularmente, tentadoramente, porque a modista soube cortar a blusa interior, feita de gaze simples, d'uma forma artistica, sem ferir a linha moral que é a suprema belleza da mulher. De vez em quando pára, cerra os olhos sonhadores e lindos e indifferentemente, machinalmente, sem reparar no que faz, verga o busto gracioso e colloca-se em frente de qualquer vitrine. Depois reabre os olhos, com fadiga, como se despertasse de um somno mal dormido, comprime um pouco mais o braço esguio da mamã e sem proferir palavra, passinhos rapidos, prosegue a sua marcha interrompida Chiado abaixo...*

Do outro lado da rua, sobre o trotoir, *um homem exquisito, amulatado, da côr typica do sr. João Chagas, o olhar febrecitante, a cabelleira longa, á poeta, a fugir espavorido do chapeu de palha bem engommado, segue como uma sombra os movimentos irregulares da formosa creatura. Quando ella suspende a marcha, por um momento, elle estava nervosamente, como um cavallo de raça que vae correndo n'um galope furioso, e que sente na bocca um forte estição do freio. Quando ella resolve continuar o passeio e gira por'li abaixo, fazendo oscillar a cabeça rythmicamente, p'rá direita e p'rá esquerda, como uma boneca articulada, elle principia tambem a andar e imita-lhe inconscientemente as attitudes, devorando-a com o olhar, esquecendo-se de que o miram, cheios de curiosidade, os amigos e os inimigos, e transpira e pronuncia monosyllabos, palavras incomprehensiveis, coisas vagas como um maluquinho fugido do hospital.*

Chegado lá abaixo, em frente dos Grandes Armazens do Chiado, n'aquella nesga de rua illuminada explendorosamente por uma dezena de arcos voltaicos, o nosso homem não póde conter-se. Desata a correr, approxima-se n'um instante da sua gentil perseguida, colloca-se a seu lado, acerta o passo e principia, a boquejar-lhe uma série de galanteios endomingados, sentimentaes, a fugirem para a choradeira. Ella, coitada, ouve, ouve, ouve e não faz caso, não lhe responde uma palavra, não lhe offerece sequer, a graça de um olhar... E o nosso homem, elevando um pouco a voz, exaltado, furioso, apaixonado como um collegial de dezoito annos, insiste em garantir o seu amor nascido n'aquelle instante fogosamente, e como a esbelta creatura cerre os olhos sonhadores e lindos e, indifferentemente, machinalmente, prosiga o seu caminho, o Don Juan *arranca a mascara, revela toda a sua má-creação e dá-lhe n'um tom insultuoso:*

— Deixa estar que as pagas todas! Não sabes que eu dirijo a policia de investigação!

Frederico Pinheiro Chagas

Fez hontem quatro annos que na Escola de Torpedos, se suicidou Frederico Pinheiro Chagas!

O seu acto, pelas circunstancias especiaes que o motivaram, longe de representar uma fraqueza, define claramente o valor d'um soldado, que preferiu pôr termo á vida, a ver enlameada a farda que nas campanhas de Alem-Mar tão gloriosamente se distinguira.

Já lá vão quatro annos! A dôr e a magua

profundissimas que exprimentámos então, é mesma que hoje sentimos e que sentiremos por muitos annos que passem sobre o nefasto acontecimento.

Frederico Pinheiro Chagas morreu no seu posto de honra. Com a sua vida foi-se uma espada brilhante. Uma e outra representáram uma perda nacional e a Patria n'este momento angustioso chôra comnosco o desapparecimento de quem sendo um grande caracter, era ao mesmo tempo um grande patriota.